

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

OUTUBRO DE 1867

Nº 10

O Espiritismo em Toda Parte

A PROPÓSITO DAS POESIAS DO SR. MARTEAU

É uma coisa verdadeiramente curiosa ver os mesmos que repelem o nome do Espiritismo com a maior obstinação, semear suas idéias em profusão. Não há um dia em que, na imprensa, nas obras literárias, na poesia, nos discursos, até nos sermões, não se encontrem pensamentos pertencentes ao mais puro Espiritismo. Perguntai a esses escritores se são espíritas, e responderão com desdém que se guardam de o ser; se lhes disserdes que o que escrevem é Espiritismo, responderão que não pode ser, pois não é a apologia dos Davenport e das mesas girantes. Para eles aí está todo o Espiritismo e daí não saem, nem querem sair. Já se pronunciaram: seu julgamento é inapelável.

Contudo, ficariam muito surpresos se soubessem que a cada instante fazem Espiritismo sem o saber, que com ele se relacionam sem perceberem que estão tão perto! Mas, que importa o nome, desde que as idéias fundamentais sejam aceitas! Que vale a forma da charrua, contanto que ela prepare o terreno! Em vez de chegar de uma vez, a idéia vem por fragmentos, eis toda a

diferença. Ora, quando virem mais tarde que os fragmentos reunidos não são outra coisa senão o Espiritismo, forçosamente voltarão atrás quanto à opinião que dele haviam feito. Os espíritas não são tão pueris para ligarem mais importância ao nome do que à coisa; é por isso que se congratulam, vendo suas idéias se espalhando sob uma forma qualquer.

Os Espíritos que conduzem o movimento se dizem: Já que não querem a coisa com este nome, vamos lhes fazer aceitá-la em detalhes, sob outra forma; julgando-se inventores da idéia, serão seus próprios propagadores. Faremos o que se faz com os doentes que não querem tomar certos remédios, e que os tomam sem que o suspeitem, quando se lhes muda a cor.

Geralmente os adversários conhecem tão pouco o que constitui o Espiritismo, que temos por certo que o mais fervoroso espírita, que não fosse conhecido como tal, poderia, com o auxílio de algumas precauções oratórias, e desde que se abstivesse de falar dos Espíritos, desenvolver os mais essenciais princípios da doutrina e ser aplaudido pelos mesmos que não lhe teriam concedido a palavra, se se tivesse apresentado como adepto.

Mas, de onde vêm essas idéias, uma vez que os que as emitem não as colheram na doutrina, que desconhecem?

Já o dissemos várias vezes: quando uma verdade chega ao termo e o espírito das massas está maduro para a assimilar, a idéia germina em toda parte; está no ar, levada a todos os pontos pelas correntes fluídicas; cada um lhe aspira algumas parcelas e as emite como se tivessem brotado de seu cérebro. Se alguns se inspiram na idéia espírita sem ousar confessá-lo, certamente é que em muitos ela é espontânea. Ora, achando-se o Espiritismo na coletividade e na coordenação dessas idéias parciais, um dia será, pela força das coisas, o traço de união entre os que as professam; é uma questão de tempo.

É de notar que quando uma idéia deve tomar lugar na Humanidade, tudo concorre para lhe abrir o caminho. É assim com o Espiritismo. Observando o que se passa no mundo neste momento, os grandes e pequenos acontecimentos que surgem ou se preparam, não há um espírito que não diga que tudo parece feito de propósito para aplainar as dificuldades e facilitar o seu estabelecimento. Seus próprios adversários parecem impelidos por uma força inconsciente a desobstruir o caminho e a cavar um abismo sob seus pés, para melhor fazer sentir a necessidade de o encher.

E não se creia que os contrários sejam prejudiciais; longe disso. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça mais corajosamente e proclamaram suas pretensões. Não são mais opiniões pessoais, respeitáveis quanto tudo que é da alçada da consciência íntima: são as doutrinas que querem impor e com o auxílio das quais pretendem governar os homens, mau grado seu. O próprio exagero dessas doutrinas é o seu remédio, porque se pergunta o que seria da sociedade, se algum dia viessem a prevalecer. Era preciso esse exagero para fazer melhor compreender o benefício das crenças que podem ser a salvaguarda da ordem social.

Mas, que cegueira estranha! ou, melhor dizendo, que cegueira providencial! Os que querem se substituir ao que existe, como os que querem se opor às idéias novas, no momento em que se agitam as mais graves questões, em vez de atraírem a si, de conciliarem as simpatias pela doçura, a benevolência, a persuasão, parecem arrogar-se a tarefa de tudo fazerem para inspirar a repulsa; não encontram nada melhor senão se impondo pela violência, comprimindo consciências, chocando convicções, perseguindo. Singular meio de se fazerem bem-vindos das populações!

No estado atual do nosso mundo, a perseguição é o batismo obrigatório de toda crença nova de algum valor.

Recebendo o seu, o Espiritismo é a prova da importância que ligam a ele. Mas, repetimos, tudo isto tem sua razão de ser e sua utilidade; é preciso que assim seja, para preparar os caminhos. Os espíritas devem considerar-se como soldados num campo de batalha; eles se devem à causa e só podem esperar repouso quando a vitória for conquistada. Felizes os que tiverem contribuído para a vitória ao preço de alguns sacrifícios!

Para o observador que, de sangue-frio, contempla o trabalho de criação da idéia, é algo maravilhoso ver como tudo, mesmo o que, à primeira vista, parece insignificante ou contrário, converge definitivamente para o mesmo objetivo; ver a diversidade e a multiplicidade dos recursos que as potências invisíveis põem em jogo para atingir esse objetivo; tudo lhes serve, tudo é utilizado, mesmo o que nos parece mau.

Não há, pois, que se inquietar com as flutuações que o Espiritismo pode experimentar no conflito das idéias que estão em fermentação; é um efeito da mesma efervescência que produz na opinião, onde não pode encontrar simpatias por toda parte; é preciso contar com essas flutuações, até que seja restabelecido o equilíbrio. Esperando, a idéia marcha; é o essencial. E como dissemos no começo, ela surge por todos os poros; todos, amigos e inimigos, nela trabalham à porfia, e não é duvidoso que sem a ativa colaboração involuntária dos adversários, os progressos da doutrina, que jamais fez propaganda para se tornar conhecida, não tivessem sido tão rápidos.

Crêem abafar o Espiritismo proscrevendo-lhe o nome. Mas, como ele não consiste em palavras, se lhe fecham a porta por causa de seu nome, ele penetra sob a forma impalpável da idéia. E o que há de curioso é que muitos que o repelem, não o conhecendo, não querendo conhecê-lo, ignorando, por conseguinte, o seu objetivo, suas tendências e seus mais sérios princípios, aclamam certas idéias, que por vezes são as suas, sem

suspeitar que muitas vezes elas fazem parte essencial e integrante da doutrina. Se o soubessem, é provável que se abstivessem.

O único meio de evitar o equívoco seria estudar a doutrina a fundo, para saber o que ela diz e o que não diz. Mas, então, surgiria outro embaraço: O Espiritismo toca em tantas questões, as idéias que se agrupam em torno dele são tão múltiplas, que se quisessem abster de falar de tudo quanto a ele se liga, encontrar-se-iam muitas vezes singularmente impedidos e, muitas vezes mesmo, tolhidos nos impulsos de suas próprias inspirações; porquanto, por esse estudo, se convenceriam de que o Espiritismo está em tudo e por toda parte e ficariam surpresos de o encontrar nos escritores mais acreditados; mais ainda, eles próprios se surpreenderiam de fazê-lo em muitas circunstâncias, sem o querer. Ora, uma idéia que se torna patrimônio comum é imperecível.

Por várias vezes já reproduzimos os pensamentos espíritas, encontrados em profusão na imprensa e nos escritos de todo gênero, e continuaremos a fazê-lo de vez em quando, sob o título de *O Espiritismo em toda parte*. O artigo seguinte, sobretudo, vem em apoio das reflexões acima; é extraído do *Phare de la Manche*, jornal de Cherbourg, de 18 de agosto de 1867.

O autor aí dá conta de uma coletânea de poesias do Sr. Amédée Marteau³⁰ e, a respeito, assim se exprime:

“Há dois mil anos, algum tempo antes do estabelecimento do Cristianismo, a casta sacerdotal dos druidas ensinava aos seus adeptos uma doutrina singular. Dizia: Nenhum ser jamais acabará; mas todos os seres, exceto Deus, começaram. Todo ser é criado no mais baixo grau da existência. Inicialmente a alma não tem consciência de si mesma; submetida às leis invariáveis do mundo físico, espírito escravo da matéria, força latente e

30 *Espoirs et Souvenirs* (Esperanças e Lembranças), Hachette, 77, boulevard Saint-Germain.

obscura, ela sobe fatalmente os degraus da natureza inorgânica, depois da natureza organizada. Então o relâmpago cai do céu, o ser se conhece, é homem.

“A alma humana começa no alvorecer as provas de seu livre-arbítrio; ela própria faz o seu destino, avança de existência em existência, de transmigração em transmigração, pela libertação que lhe dá a morte; ou, então, volta-se sobre si mesma, cai de degrau em degrau, se não tiver merecido elevar-se, sem que, todavia, nenhuma queda seja para sempre irreparável.

“Quando a alma tiver chegado ao mais alto ponto da ciência, da força, da virtude de que é susceptível a condição humana, escapa ao círculo das provas e das transmigrações, atinge o termo da felicidade: o céu. Uma vez chegado a este termo, o homem não cai mais; sobe sempre, eleva-se para Deus por um progresso eterno, sem, todavia, jamais se confundir com ele. Bem longe de no céu perder a sua atividade, a sua individualidade, e é ali que cada alma adquire a sua plena posse, com a memória de todos os estados anteriores, pelos quais passou. Sua personalidade, sua natureza própria aí se desenvolve, cada vez mais distinta, à medida que sobe na escada infinita, cujos degraus não passam de realizações da vida, que a morte não separa mais.

“Tal era a concepção que o druidismo tinha da alma e de seus destinos. Era a idéia pitagórica ampliada, tornada dogma e aplicada ao infinito.

“Como esta opinião, depois de ter adormecido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, desperta hoje? Talvez tenha a sua razão de ser na revolução que, a partir de Galileu, se operou no sistema astronômico; talvez deva sua ressurreição às sedutoras perspectivas que apresenta aos devaneios dos filósofos e dos pensadores; ou, enfim, a essa curiosidade inata que, incessantemente, impele o homem para o desconhecido.

“Seja como for, Fontenelle foi o primeiro cuja pena espiritual transformou estas questões na sua encantadora pilhéria sobre a pluralidade dos mundos.”

“Da habitabilidade dos mundos à transmigração das almas o declive é escorregadio, e nosso século aí se deixou arrastar. Apoderou-se dessa idéia e, escorando-se na Astronomia, tenta elevá-lo à altura de uma ciência. Jean Reynaud a desenvolveu, sob forma magistral, em *Céu e Terra*; Lamennais a adota e generaliza no *Esboço de uma filosofia*; Lamartine e Hugo a preconizam; Máxime Ducamp a popularizou num romance; Flammarion publicou um livro em seu favor; enfim, o Sr. Amédée Marteau, numa obra poética, que lemos com o mais vivo interesse, reveste com as cores de sua paleta sedutora esta vasta e magnífica utopia.

“O Sr. Marteau é o poeta da idéia nova; é um crente entusiasta e devotado da transmigração das almas em corpos celestes e é preciso convir que conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto. Deus, o homem, o tempo, o espaço são os inspiradores de sua musa. Abismos vertiginosos, elevações incomensuráveis, nada o detém, nada o aterroriza. Ele se diverte na imensidade, bordeja sem empalidecer as barrancas do infinito. Viaja nos astros, como uma águia sobre os altos píncaros. Descreve numa linguagem harmoniosa, com precisão matemática, suas formas, sua marcha, sua cor, seus contornos.”

Depois de citar um fragmento de uma das odes da coletânea, acrescenta o autor do artigo:

“O Sr. Marteau não é apenas um poeta de alta distinção: é, além disso, um filósofo e um sábio. A Astronomia lhe é familiar; colore a sua poesia com o pó de ouro que faz cair das esferas siderais. Não saberíamos dizer o que mais nos cativou: se o interesse da dicção, se a originalidade do pensamento. Tudo isto se ajusta, se coordena de maneira tão nítida, tão clara, tão natural, que se fica como que fascinado sob o encanto.

“Não conhecemos o Sr. Marteau. Mas pensamos que, se para compor um livro como este é preciso ser dotado de grande talento, também é preciso ser dotado de grande coração, porquanto, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.

“Assim, não podemos deixar de conclamar aos que não se absorvem nas preocupações e nos interesses materiais, a darem uma olhadela nas obras do Sr. Marteau. Aí encontrarão consolações e esperanças, sem contar os prazeres intelectuais que faz experimentar a leitura de uma poesia generosa, rica de concepções, ideal e destinada, não temos dúvida, a um brilhante sucesso.”

Digard

Como se vê, a exposição da doutrina druídica sobre os destinos da alma, pela qual começa o artigo, é um resumo completo da Doutrina Espírita sobre o mesmo assunto. Sabe-o o autor? É lícito duvidar; do contrário seria estranho que se tivesse absterido de citar o Espiritismo, a menos que tivesse receado fazê-lo participar dos elogios que prodigaliza às idéias do autor. Não lhe faremos a injúria de supor tão ingênua parcialidade; preferimos imaginar que até ignore a sua existência. Quando ele pergunta: “Como esta opinião, depois de ter adormecido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, desperta hoje?” se tivesse estudado o Espiritismo, este lhe teria respondido e ele teria visto que essas idéias são mais populares do que se pensa.

“O Sr. Marteau, diz ele, é o poeta da idéia nova; é um crente entusiasta e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto.” Mais adiante, acrescenta: “Se, para compor um livro como este, é preciso ser dotado de grande talento, também é preciso ser dotado de um grande coração,

porquanto, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.” Então o Sr. Marteau não é um louco por professar semelhantes idéias? Jean Reynaud, Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Louis Jourdan, Máxime Ducamp, Flammarion, então não são loucos por os ter preconizado? Fazer o elogio dos homens não é elogiar os seus princípios? Aliás, pode-se fazer maior elogio de um livro dizendo que os leitores aí colherão esperanças e consolações? Considerando-se que estas doutrinas são as do Espiritismo, não é acreditar estas na opinião?

Assim, eis um artigo onde se diria que o nome do Espiritismo é omitido de propósito, e onde se aclamam as idéias que ele professa sobre os pontos mais essenciais: a pluralidade das existências e os destinos da alma.

Sra. condessa Adélaïde de Clérambert

MÉDIUM-MÉDICO

A Sra. condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, Departamento do Loire; faleceu há alguns anos, em idade avançada. Dotada de inteligência superior, tinha mostrado, desde a juventude, um gosto particular pelos estudos médicos e se comprazia na leitura de obras que tratavam desta ciência. Nos vinte últimos anos de sua vida havia-se consagrado ao alívio do sofrimento com um devotamento inteiramente filantrópico e a mais completa abnegação. As numerosas curas que operava em pessoas consideradas incuráveis tinham-lhe dado uma certa reputação; mas, tão modesta quanto caridosa, disto não tirava proveito nem vaidade.

Aos conhecimentos médicos adquiridos, de que ela certamente utilizava em seus tratamentos, juntava uma faculdade de intuição, que outra coisa não era senão a mediunidade inconsciente, porque muitas vezes ela tratava por correspondência e, sem ter

visto os doentes, descrevia a doença perfeitamente; aliás, ela mesma dizia receber instruções, sem explicar a maneira por que lhe eram transmitidas. Muitas vezes tivera manifestações materiais, tais como transporte, deslocamento de objetos e outros fenômenos do gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinham sobrevivido abscessos, e para lhe dar uma idéia, modelara o padrão numa folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-lo à carta, aquela senhora respondeu pela volta do correio: “Como o padrão que me anunciais em vossa carta não veio, pensei que era esquecimento de vossa parte; acabo de encontrar um esta manhã em minha gaveta, que deve ser parecido ao vosso e que vos remeto.” Com efeito, esse padrão reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, na maior parte das vezes, ela mesmo preparava, conforme as indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, conforme os indivíduos; não tinha receita secreta de eficácia universal, mas se guiava segundo as circunstâncias. Algumas vezes o resultado era quase instantâneo, e em certos casos não se o obtinha senão após um tratamento continuado, mas sempre curto, em relação à medicina ordinária. Ela curou radicalmente grande número de epiléticos e de doentes acometidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A Sra. Clérambert não era um médium curador, no sentido ligado a esta expressão, mas um *médium-médico*. Gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal e a guiava na aplicação dos remédios, que lhe eram inspirados; além disso, era secundada pelo conhecimento que tinha da matéria médica e, sobretudo, das propriedades das plantas. Por sua dedicação, por seu desinteresse moral e material, jamais desmentidos, por sua inalterável benevolência para os que a ela se dirigiam, a Sra. Clérambert, assim

como o abade príncipe de Hohenlohe, deve ter conservado até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe fora concedida, e que, sem dúvida, teria visto enfraquecer-se e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre emprego que dela fazia.

Sua posição de fortuna, sem ser brilhante, era suficiente para tirar qualquer pretexto a uma remuneração qualquer; assim, não recebia absolutamente nada, mas recebia dos ricos, reconhecidos por terem sido curados, aquilo que julgassem dever lhe dar, e o empregava para suprir as necessidades daqueles a quem faltava o necessário.

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela Sra. Clérambert, e foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo sido lida esta nota na Sociedade Espírita de Paris, a Sra. Clérambert deu a resposta que se segue.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Evocação – O relato que acabamos de ler naturalmente provoca em nós a vontade de nos entretermos convosco, e de vos contar no número dos Espíritos que desejam concorrer para a nossa instrução. Esperamos tenhais a bondade de vir ao nosso apelo e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as seguintes perguntas:

1º – Que pensais da nota que acaba de ser lida e das reflexões que a acompanham?

2º – Qual a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3º – Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4º – Podeis, como Espírito e com a ajuda de um médium, continuar prestando os serviços que prestáveis como encarnada, quando éreis chamada para um doente?

Resposta – Agradeço-vos, senhor presidente, as palavras benevolentes que pronunciastes em minha intenção, e aceito de bom grado o elogio feito ao meu caráter. Creio ser a expressão da verdade, e não terei orgulho ou falsa modéstia de o recusar. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida por causa de minha boa vontade e da aptidão particular, que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever, consagrando-me ao alívio dos que reclamavam o meu socorro. Algumas vezes acolhida pelo reconhecimento, muitas vezes pelo esquecimento, meu coração não se envaideceu mais com os sufrágios de uns, do que sofreu com a ingratidão de outros, considerando-se que eu sabia muito bem ser indigna de uns e colocar-me acima de outros.

Mas, é ocupar-se demais com minha pessoa. Vamos à faculdade que me valeu a honra de ser chamada no meio desta simpática Sociedade, onde se gosta de repousar a vista, sobretudo quando se foi, como eu, vítima da calúnia e dos ataques malévolos, daqueles cujas crenças foram feridas, ou cujos interesses foram prejudicados. Que Deus lhes perdoe, como eu mesma o faço!

Desde minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me vinha este gosto, ordinariamente pouco natural em meu sexo? Então eu o ignorava, mas hoje sei que não era a primeira vez que a saúde humana era objeto de minhas mais vivas preocupações: eu tinha sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver a distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via para todo o mundo), e prescrever os medicamentos que deviam restituir a saúde, era de todo semelhante à dos vossos médiuns médicos atuais. Como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se

dizia Espírito, e cuja influência salutar ajudou-me poderosamente a aliviar os infortunados que se valiam de mim. Ele me havia prescrito o mais completo desinteresse, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que constituía a minha felicidade. Não sei por que razão, talvez porque teria sido prematuro desvendar a origem de minhas prescrições, ele igualmente me havia recomendado, da maneira mais formal, que não dissesse de quem recebia as prescrições que dirigia aos meus doentes. Enfim, ele considerava o desinteresse moral, a humildade e a abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos e só me posso congratular.

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a representar um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver conquistado a influência considerável que o fará, no futuro, instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades desta natureza e poderão prestar serviços tanto maiores, quanto mais facilmente os seus conhecimentos adquiridos lhes permitirem assimilar espiritualmente as instruções que lhes serão dadas. Há um fato que deveis ter notado: as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto mais os conhecimentos pessoais do médium se aproximarem da natureza daqueles que ele é chamado a transmitir. Assim, certamente eu poderia prescrever tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter a cura, mas não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; enquanto uns facilmente transmitiriam minhas prescrições, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. Entretanto, se meu concurso vos puder ser útil, seja em que circunstância for, terei prazer em vos ajudar nos vossos trabalhos, segundo a medida de meus conhecimentos, oh! bem limitados fora de certas atribuições especiais.

Adèle de Clérambert

Observação – O Espírito assina *Adèle*, embora, em vida, fosse chamada *Adélaïde*. Tendo-lhe sido perguntada a razão, respondeu que *Adèle* era o seu verdadeiro nome, e que só por hábito de infância a chamavam *Adélaïde*.

Os Médicos-Médiuns

A Sra. condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo precedente, oferecia uma das variedades da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuances, apropriadas às aptidões especiais de cada indivíduo. Em nossa opinião, ela era o tipo do que poderiam ser muitos médicos; de que muitos virão a ser, sem dúvida, quando entrarem na via da espiritualidade, que lhes abre o Espiritismo, porque muitos verão desenvolver-se em si faculdades intuitivas, que lhes serão um precioso auxílio na prática.

Dissemos e repetimos: seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destruir a Medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a Ciência e seus doentes; numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, já que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos nenhuma dúvida de que um dia haja *médicos-médiuns*, como há *médiuns-médicos*, que à ciência adquirida, juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais.

Apenas como essas faculdades só têm valor efetivo pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar os seus efeitos pela retirada de seu concurso, que frustram à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, é evidente que não prestarão sua assistência aos que os renegarem e entenderem servir-se deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como os

Espíritos trabalham para a Humanidade e não vêm para servir a interesses egoístas e individuais; como, em tudo que fazem, agem em vista da propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, nada tendo a fazer com poltrões, que têm medo da sombra da verdade. Assim, secundarão os que, sem resistência e *sem pensamento preconcebido*, colocarem suas aptidões a serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será, também, uma das condições da medicina mediúnica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto requer algumas explicações, porque a posição já não é a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não lhe exigiu estudo, nem trabalho, nem despesas; recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros, e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se o médium não tiver, por si mesmo, recursos que o tornem independente, deve achar os meios no seu trabalho ordinário, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; só deve dar ao exercício de sua faculdade o tempo que lhe pode consagrar materialmente. Se tira esse tempo de seu repouso, e se o emprega em tornar-se útil aos seus semelhantes o que teria consagrado a distrações mundanas, pratica o verdadeiro devotamento, e nisto só tem mais mérito. Os Espíritos não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar devotamento e abnegação o abandono de seu trabalho para entregar-se a uma condição menos penosa e mais lucrativa. Na proteção que concedem, os Espíritos, aos quais não nos podemos impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Completamente diversa seria a posição dos médicos-médiuns. A Medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para

dela fazer uma profissão, e a ciência médica não se adquire senão a título oneroso, por um trabalho assíduo, por vezes penoso; o saber do médico é, pois, uma conquista pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos juntam seu concurso pelo dom de uma aptidão mediúnica, para o médico é um meio a mais de se esclarecer, de agir com mais segurança e eficácia, pelo que deve ser reconhecido, mas não deixa de ser sempre médico; é a sua profissão, que não deixa para fazer-se médium. Nada há, pois, de repreensível em que continue a dela viver, e isto com tanto mais razão quanto a assistência dos Espíritos muitas vezes é inconsciente, intuitiva, e sua intervenção por vezes se confunde com o emprego dos meios ordinários de cura.

Pelo fato de um médico ter-se tornado médium e ser assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar a toda remuneração, o que o obrigaria a procurar os meios de subsistência fora da Medicina e, assim renunciar à sua profissão. Mas se for animado do sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe é concedido, saberá conciliar os seus interesses com os deveres humanitários.

Não se dá o mesmo com o desinteresse moral que, em todos os casos, pode e deve ser absoluto. Aquele que, em lugar de ver na faculdade mediúnica um meio a mais de tornar-se útil aos seus semelhantes, nela só procurasse uma satisfação ao amor-próprio, e que considerasse um mérito pessoal os sucessos obtidos por esse meio, dissimulando a verdadeira causa, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem renegar os Espíritos, não visse em seu concurso, direto ou indireto, senão um meio de suprir a insuficiência de sua clientela produtiva, seja qual for a aparência filantrópica com que se oculte aos olhos dos homens, faria, por isso mesmo, ato de exploração. Num e noutro caso, tristes decepções seriam a sua conseqüência inevitável, porque os simulacros e os subterfúgios não podem enganar os Espíritos, que lêem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade curadora não matará a Medicina nem os médicos, mas não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida haverá sempre médiuns curadores, porque sempre os houve, e esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à medida que o número de *médicos-médiuns* aumentar, e quando a Ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

Não se podem contestar as virtudes curativas de certas plantas e de outras substâncias que a Providência pôs ao alcance do homem, colocando o remédio ao lado do mal; o estudo dessas propriedades é da alçada da Medicina. Ora, como os médiuns curadores só agem por influência fluídica, sem o emprego de medicamentos, se um dia devessem suplantam a Medicina, resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que não é admissível. Deve-se, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial, e não como meio absoluto de cura; o fluido, como novo agente terapêutico aplicável em certos casos, e que vem acrescentar um novo recurso à Medicina; em consequência, a mediunidade curadora e a Medicina como devendo, de agora em diante, marchar simultaneamente, destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementarem e a se completarem uma pela outra. Eis por que se pode ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então por que esta faculdade hoje se desenvolve quase que exclusivamente entre os ignorantes, em vez de nos homens de ciência? Pela razão muito simples que, até agora, os homens de ciência a repelem. Quando a aceitarem, vê-la-ão desenvolver-se entre si, como entre os outros. Aquele que hoje a possuísse iria proclamá-la? Não; ocultá-la-ia com o maior cuidado. Já que ela seria inútil em suas mãos, por que lha dar? Seria o mesmo que dar um violino a um homem que não sabe ou não quer tocar.

A este estado de coisas, há outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que nem tudo sabem, e que há leis naturais além das que a Ciência reconhece. Quanto maior a distância entre a ignorância e o saber, mais evidente é o fato. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que ali o saber humano em nada participou.

Mas, como a Ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, assim como a faculdade de vidência, não podem ser atributos senão do Espírito. Elas provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais e, muitas vezes, de conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos têm, pois, ao mesmo tempo, a consequência de serem úteis à Humanidade, e de provarem a existência do princípio espiritual.

O Alcaide Hassan, Curador Tripolitano

OU A BÊNÇÃO DO SANGUE

O fato seguinte, publicado no *Tour du monde*, páginas 74 e seguintes, é tirado dos *Promenades dans la Tripolitaine*, pelo Sr. barão de Krafft.

“Muitas vezes tenho como guia e companheiro de passeio em minhas excursões fora da cidade, o *cavas-bachi* (chefe dos janízaros) do consulado da França, que o cônsul geral teve a gentileza de pôr à minha disposição. É um magnífico negro de Ouadaï, de seis pés de altura e que, a despeito de sua barba grisalha, conservou toda a atividade e toda a energia da mocidade. O alcaide Hassan não é um homem comum: ao tempo dos Caramanlys, governou a tribo dos Ouerchéfâna durante dezoito anos, e ninguém melhor que ele soube manter nas rédeas esta horda

turbulenta. Valente até a temeridade, sempre defendeu os interesses de seus administrados contra as tribos vizinhas e, se necessário, contra o próprio governo; mas, ao mesmo tempo, os seus não mais podiam entregar-se aos seus caprichos e não brincavam com a severidade do alcaide *Hassan*. Para ele, a vida de um homem era apenas mais preciosa que a de um carneiro, e certamente ficaria muito embaraçado se lhe perguntassem o número exato de cabeças que ele tinha feito cair com sua mão, tanto a sua consciência está tranqüila a esse respeito. Excelente homem, aliás, inteiramente devotado ao consulado, ao qual serve há dez anos.

“Numa de nossas primeiras saídas, vi um grupo de cinco ou seis mulheres aproximarem-se dele com ar súplice. Duas delas tinham nos braços pobres criancinhas de peito, cujos rostos, cabeças e pescoços estavam cobertos por uma placa dartrosa de crostas purulentas. Era horrível e desagradável à vista.

“– Nosso pai, disseram as mães desoladas ao alcaide *Hassan*, é o profeta de Deus que te trás perto de nossa casa, porque queríamos ir à cidade para te encontrar e há bem dez dias que esperávamos a ocasião. O *djardoun* (pequeno lagarto branco muito inofensivo) passou sobre o nosso seio e envenenou o nosso leite; vê o estado de teus filhos e cura-os para que Deus te abençoe.

“– Então és médico? perguntei ao meu companheiro.

“– Não, respondeu ele, mas tenho a *bênção do sangue* nas mãos, e quem quer que a tenha, como eu, pode curar esta doença. É um dom natural de todo homem cujo braço cortou algumas cabeças. – Vamos, mulheres, dai o que é preciso.

“E logo uma das mães apresenta ao doutor uma galinha branca, sete ovos e três moedas de vinte paras; depois se agacha aos seus pés, erguendo o pequeno paciente acima de sua cabeça. *Hassan* tira solenemente da cintura seu isqueiro e sua pedra de fogo, como se quisesse acender o cachimbo. *Bismillab!* (em nome

de Deus!) diz ele e se põe a fazer saltar do sílex numerosas fagulhas sobre a criança doente, enquanto recitava o *sourat-el-fatéha*, o primeiro capítulo do Alcorão.

“Terminada a operação, chegou a vez da outra criança, mediante a mesma oferenda; contentes, e depois de terem beijado respeitosa e a mão que acabava de restituir a saúde aos seus filhos, as mulheres partiram.

“Parece que o meu rosto denunciava a minha incredulidade, porque o alcaide Hassan, reunindo os honorários de sua cura maravilhosa, gritou às clientes: “Não deixeis de vir em sete dias me apresentar vossos filhos na *skifa* do consulado.” (A *skifa* é o vestíbulo externo, a sala de espera nas grandes casas).

“Com efeito, uma semana mais tarde, os pequeninos me foram mostrados; um estava completamente curado, o outro tinha apenas algumas cicatrizes de aparência muito satisfatória, indicando uma cura muito próxima. Fiquei estupefato, mas não convencido. Contudo, mais de vinte experiências semelhantes depois me forçaram a crer na incrível virtude das mãos abençoadas pelo sangue.”

Há criaturas que nem os fatos mais patentes podem convencer; todavia, é preciso convir que, neste caso, é permitido logicamente não acreditar na eficácia da *bênção do sangue*, obtida sobretudo em tais condições, nem na das faíscas do isqueiro. Entretanto, não deixa de existir o fato material da cura; se não tem esta causa, deve ter outra. Se vinte experiências semelhantes, do conhecimento do narrador, vieram confirmá-lo, essa causa não pode ser fortuita e deve provir de uma lei. Ora, esta lei não é senão a faculdade curadora de que aquele homem é dotado. Na sua ignorância do princípio, ele atribuía a faculdade ao que chamava a *bênção do sangue*, crença em relação com os costumes do país, onde a vida de um homem nada vale. O isqueiro e as outras

fórmulas são acessórios que só têm valor na sua imaginação e que servem, sem dúvida, pela importância a elas ligadas, para lhe dar mais confiança em si mesmo e, conseqüentemente, para aumentar o seu poder flúídico.

Este fato levanta naturalmente uma questão de princípio, relativa ao dom da faculdade de curar, à qual responde a comunicação seguinte, dada a respeito.

(Sociedade de Paris, 23 de fevereiro de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Por vezes as pessoas se admiram, com aparente razão, quando encontram em indivíduos indignos, faculdades notavelmente desenvolvidas, e que deveriam ser, de preferência, atributo de homens virtuosos e isentos de preconceitos; e, contudo, a história dos séculos passados apresenta, quase que a cada página, exemplos de mediunidades notáveis, possuídas por Espíritos inferiores e impuros, por fanáticos sem raciocínio! Qual pode ser o motivo de tal anomalia?

Entretanto, aí nada há que possa causar admiração; um estudo um pouco sério e refletido do problema dará a sua chave.

Quando fenômenos extraordinários, pertencentes à ordem extracorporal, são produzidos, realmente o que acontece? – É que individualidades encarnadas servem de *órgãos de transmissão* à manifestação. Elas são *instrumentos* movidos por uma vontade exterior. Ora, demandariam a um simples instrumento o que se exigiria do artista que o faz vibrar?... Se é evidente que um bom piano é preferível a um defeituoso, não é menos certo que, num como no outro, se distinguirá o toque do artista do de um principiante. – Se, pois, o Espírito que intervém na cura encontra um bom instrumento, dele se servirá de bom grado; senão empregará o que lhe oferecerem, por mais defeituoso que seja.

Também é preciso considerar, no exercício da faculdade mediúnica, e em particular no exercício da mediunidade curadora, que podem apresentar-se dois casos bem distintos: ou o médium pode ser curador por sua própria iniciativa, ou não passa de um agente, mais ou menos passivo, de um motor excepcional.

No primeiro caso, só poderá agir se suas virtudes e sua força moral lho permitirem. Será um exemplo na sua conduta, privada ou pública, um modelo, um missionário vindo para servir de guia ou de sinal de ligação aos homens de boa vontade! O Cristo é a personificação suprema do curador.

Quanto àquele que é apenas um médium, sendo instrumento, pode ser mais ou menos defeituoso, e os atos que se operam por seu intermédio de modo algum o impedem de ser imperfeito, egoísta, orgulhoso ou fanático. Membro da grande família humana, da mesma maneira que a generalidade, participa de todas as suas fraquezas.

Lembraí-vos destas palavras de Jesus: “Não são os que gozam de saúde que precisam de médico.” Há que se ver, então, um sinal da vontade da Providência nessas faculdades que se desenvolvem em meios e em pessoas imperfeitas. É um meio de lhes dar a fé que, mais cedo ou mais tarde, os conduzirá ao bem; se não for hoje, será amanhã; são sementes que não estão perdidas, porque vós, espíritas, sabeis que nada se perde para o Espírito.

Em naturezas moralmente e fisicamente mais rudes, não é raro encontrar faculdades transcendentais, porque essas individualidades, por terem pouca ou nenhuma vontade pessoal, limitam-se a deixar agir a influência que as dirige. Poder-se-ia dizer que agem por instinto, ao passo que uma inteligência mais desenvolvida, querendo se dar conta da causa que a põe em movimento, por vezes se coloca em condições que não permitem uma realização tão fácil dos desígnios providenciais.

Por mais bizarros e inexplicáveis que sejam os efeitos que se produzem aos vossos olhos, estudai-os atentamente, antes de considerar um só como infração às leis eternas do Mestre Supremo! Não há uma só que não afirme a sua existência, a sua justiça e a sua sabedoria eternas; se a aparência disser o contrário, crede bem que será apenas uma aparência, que desaparecerá para dar lugar à realidade, com um estudo mais aprofundado das leis conhecidas e o conhecimento daquelas cuja descoberta está reservada ao futuro.

Clélie Duplantier

O Zuavo Jacob

Estando na ordem do dia a faculdade curadora, não é de admirar que a ela tenhamos consagrado a maior parte deste número e, seguramente, estamos longe de ter esgotado o assunto. Por isso a ele voltaremos.

Logo de saída, para fixar as idéias de muitas pessoas interessadas na questão relativa ao Sr. Jacob, as quais nos escreveram ou poderiam escrever-nos a respeito, dizemos:

1º – Que as sessões do Sr. Jacob estão suspensas. Assim, seria inútil apresentar-se no lugar onde se realizavam (Rue de la Roquette, 80) e que, até o presente, não as retomou em parte alguma. O motivo foi a excessiva aglomeração de pessoas, que dificultava a circulação numa rua muito freqüentada, e um beco sem saída, ocupado por grande número de industriais, que se viam impedidos em seus negócios, não podendo receber os clientes, nem expedir as suas mercadorias. Neste momento o Sr. Jacob não dá sessões públicas, nem particulares.

2º – Dada a afluência, e devendo cada um esperar muito tempo a sua vez, aos que nos perguntaram, ou no futuro nos

perguntarem se, conhecendo pessoalmente o Sr. Jacob, poderiam, com uma recomendação nossa, conseguir atendimento preferencial, diremos que nunca pedimos e jamais o pediríamos, sabendo que seria inútil. Se ingressos preferenciais tivessem sido concedidos, teria sido em prejuízo dos que esperam e não deixariam de provocar justas reclamações. O Sr. Jacob não fez exceções para ninguém; o rico devia esperar como o infeliz, porque, em última análise, o infeliz sofre tanto quanto o rico; como este, não tem o conforto por compensação e, além disso, muitas vezes espera a saúde para ter de que viver. Por isso felicitamos o Sr. Jacob; e se ele não tivesse agido assim, ao solicitarmos um favor apenas teríamos feito uma coisa que nele haveríamos de censurar.

3º – Aos doentes que nos perguntaram, ou poderiam perguntar, se lhes aconselhamos fazer a viagem de Paris, dizemos: O Sr. Jacob não cura todo o mundo, como ele mesmo declara; nunca sabe por antecipação se curará ou não um doente; é somente quando está em sua presença que julga da ação fluídica e vê o resultado; é por isso que nunca promete nada e jamais responde. Aconselhar alguém a fazer a viagem de Paris, seria assumir uma responsabilidade sem certeza de sucesso. É, pois, um risco que se corre, e se não se obtiver resultado, a gente está livre das despesas de viagem, ao passo que se gastam, muitas vezes, somas enormes em consultas, sem maiores vantagens. Se não se fica curado, não se pode dizer que se pagou cuidados inutilmente.

4º – Aos que nos perguntam se, indenizando o Sr. Jacob de suas despesas de viagem, já que não aceita honorários, ele concordasse em vir a tal ou qual localidade para cuidar de um doente, respondemos: O Sr. Jacob não atende a convites desse gênero, pelas razões desenvolvidas acima. Não podendo responder previamente pelos resultados, consideraria uma indelicadeza induzir gastos sem certeza de êxito; e em caso de insucesso, seria dar ensejo à crítica.

Aos que escrevem ao Sr. Jacob, ou nos enviam cartas para fazê-las chegar até ele, dizemos: O Sr. Jacob tem em sua casa um armário cheio de cartas, que ele não lê, e não responde a ninguém. Com efeito, que poderia dizer? Aliás, ele não cura por correspondência. Falar com afetação? não é o seu gênero; dizer se tal doença é curável por ele? ele não o sabe. Pelo fato de ter curado uma pessoa de tal doença, não se segue que cure a mesma doença em outras pessoas, porque as condições fluídicas não são as mesmas; indicar um tratamento? ele não é médico e se absteria de fornecer esta arma contra si.

Assim, escrever a ele é trabalho inútil. A única coisa a fazer, caso ele retomasse as sessões, classificadas por engano como consultas, já que não o consultam, é apresentar-se tão logo chegue, entrar na fila, esperar pacientemente e arriscar a chance. Se não se ficar curado, não se pode queixar de ter sido enganado, desde que ele nada promete.

Há fontes que têm a propriedade de curar certas doenças. Vão lá; uns se sentem bem, outros são apenas aliviados; outros, enfim, não experimentam absolutamente nada. Deve-se considerar o Sr. Jacob como uma fonte de fluidos salutareos, a cuja influência vão submeter-se, mas que, não sendo uma panacéia universal, não cura todos os males e pode ser mais ou menos eficaz, conforme as condições do doente.

Mas, enfim, houve curas? Um fato responde a esta pergunta: Se ninguém tivesse sido curado, a multidão não teria ido para lá, como fez.

Mas a multidão crédula não pode ter sido enganada por falsas aparências e para lá se dirigir confiando numa reputação usurpada? Comparsas não podem ter simulado doenças para parecerem ter sido curados?

Sem dúvida, isto se viu e se vê todos os dias, quando cúmplices têm interesse em representar a comédia. Ora, aqui, que proveito teriam tirado? Quem os teria pago? Certamente não foi o Sr. Jacob, com o seu soldo de músico dos zuavos; nem a concessão de um desconto sobre as consultas, já que ele nada recebia. Compreende-se que aquele que quer fazer uma clientela a qualquer preço empregue semelhantes meios; mas o Sr. Jacob não tinha o menor interesse em atrair a si a multidão; não a chamou: foi ela que veio a ele e, pode dizer-se, à sua revelia. Se não tivesse havido os fatos, ninguém teria vindo, pois ele não chamava ninguém. Sem dúvida os jornais contribuíram para aumentar o número de visitantes, mas só falaram do caso porque já existia a multidão, sem o que nada teriam dito, pois o Sr. Jacob não lhes tinha pedido que falasse dele, nem pago para fazer propaganda. Deve-se, pois, afastar toda idéia de subterfúgios, que não teriam nenhuma razão de ser na circunstância de que se trata.

Para apreciar os atos de um indivíduo, é preciso buscar o interesse que o pode solicitar na sua maneira de agir. Ora, está comprovado que não havia nenhum da parte do Sr. Jacob; que também não o havia para o Sr. Dufayet, que cedia seu local gratuitamente, e punha seus operários a serviço dos doentes, para carregar os enfermos, e isto com prejuízo de seus próprios interesses; enfim, que comparsas nada tinham a ganhar.

Como as curas operadas pelo Sr. Jacob, nestes últimos tempos, são do mesmo gênero das obtidas o ano passado no campo de Châlons, e tendo-se passado os fatos mais ou menos da mesma maneira, apenas em maior escala, remetemos nossos leitores aos relatos e apreciações que demos na *Revista* de outubro e novembro de 1866. Quanto aos incidentes particulares deste ano, não poderíamos senão repetir o que todos souberam pelos jornais. Limitar-nos-emos, pois, quanto ao presente, a algumas considerações gerais sobre o fato em si mesmo.

Há cerca de dois anos, os Espíritos nos haviam anunciado que a mediunidade curadora tomaria grandes desenvolvimentos, e seria um poderoso meio de propagação para o Espiritismo. Até então só havia curadores que operavam, por assim dizer, na intimidade e sem alarido. Dissemos aos Espíritos que, a fim de que a propagação fosse mais rápida, era preciso que surgissem outros mais poderosos, para que as curas tivessem repercussão no público. – Isto acontecerá, foi a resposta, e haverá mais de um.

Essa previsão teve um começo de realização o ano passado, no campo de Châlons, e Deus sabe se este ano faltou repercussão às curas da Rua de la Roquette, não só na França, mas no estrangeiro.

A comoção geral que estes fatos causaram é justificada pela gravidade das questões que eles levantam. Não há por que se equivocar: aqui não está um desses acontecimentos de mera curiosidade, que por um momento apaixonam a multidão ávida de novidades e distrações. A gente não se distrai com o espetáculo das misérias humanas; a visão desses milhares de doentes, correndo em busca da saúde, que não puderam encontrar nos recursos da Ciência, nada tem de prazeroso e leva a sérias reflexões.

Sim, há aqui algo mais que um fenômeno vulgar. Sem dúvida admiram-se das curas obtidas em condições tão excepcionais que parecem raiar o prodígio; mas o que impressiona mais ainda que o fato material, é que aí pressentem a revelação de um princípio novo, cujas conseqüências são incalculáveis, de uma dessas leis por tanto tempo ocultas no santuário da Natureza, que, à sua aparição, mudam o curso das idéias e modificam as crenças profundamente.

Diz uma secreta intuição que se os fatos em questão são reais, é mais que uma mudança nos hábitos: é um elemento

novo introduzido na sociedade, uma nova ordem de idéias que se estabelece.

Embora os acontecimentos do campo de Châlons tenham preparado para o que acaba de se passar, em consequência da inatividade do Sr. Jacob durante um ano, eles quase tinham sido esquecidos; a emoção se havia acalmado, quando, de repente, os mesmos fatos explodem no seio da capital e de súbito tomam proporções inauditas. É, por assim dizer, como se tivéssemos despertado no dia seguinte a uma revolução, e só nos abordássemos perguntando: Sabeis o que se passa na Rua de la Roquette? Tendes notícias? Dispensavam os jornais, como se se tratasse de um grande acontecimento. Em quarenta e oito horas a França inteira ficou sabendo.

Há nesta instantaneidade algo de notável e de mais importante do que se pensa.

A impressão do primeiro momento foi de estupor: *ninguém riu*. A própria imprensa facciosa simplesmente relatou os fatos e os boatos, sem fazer comentários. Diariamente ela dava o boletim, sem se pronunciar pró, nem contra, e foi possível notar que a maioria dos artigos não eram escritos em tom de zombaria; exprimiam a dúvida, a incerteza quanto à realidade de fatos tão estranhos, inclinando-se, porém, mais para a afirmação do que para a negação. É que o assunto, por si mesmo, era sério; tratava-se do sofrimento e o sofrimento tem algo de sagrado, que impõe respeito; em semelhante caso a pilhéria seria inconveniente e universalmente reprovada. Jamais se viu a verve zombeteira exercitar-se diante de um hospital, mesmo de loucos, ou de um comboio de feridos. Homens de coração e de senso não podiam deixar de compreender que, numa coisa que diz respeito a questões de humanidade, a zombaria teria sido indecorosa, por insultar a dor. Assim, é com um sentimento penoso e uma espécie de desgosto que hoje se vê o espetáculo desses infelizes doentes reproduzido grotescamente nos teatros de feira e traduzido em

canções burlescas. Admitindo de sua parte uma credulidade pueril e uma esperança mal fundada, não é uma razão para faltar ao respeito que se deve ao sofrimento.

Em presença de tal repercussão, a denegação absoluta era difícil; a dúvida só é permitida àquele que não sabe ou que não viu. Entre os incrédulos de boa-fé e por ignorância, muitos compreenderam que seria imprudência inscrever-se prematuramente em falso contra fatos que, um dia ou outro, poderiam receber uma consagração e lhes dar um desmentido. Assim, sem nada negar nem afirmar, a imprensa geralmente limitou-se a registrar o estado de coisas, deixando à experiência o cuidado de os confirmar ou desmentir e, sobretudo, de os explicar. Era o partido mais prudente.

Passado o primeiro momento de surpresa, os adversários obstinados de toda coisa nova que contrariava as suas idéias, atordoados em alguns momentos pela violência da irrupção, tomaram coragem, principalmente quando viram que o zuavo era paciente e de humor pacífico. Começaram o ataque a todo vapor, servindo-se das armas habituais dos que não têm boas razões para objetar: o gracejo e a calúnia excessivos. Mas a sua polêmica acrimoniosa denuncia cólera e evidente embaraço, e seus argumentos, quase sempre assentados em falso e sobre alegações notoriamente inexatas, não são dos que convencem, porque se refutam por si mesmos.

Seja como for, não se trata aqui de uma questão pessoal. Que o Sr. Jacob sucumba, ou não, na luta, é uma questão de princípios que está em jogo, posta com imensa repercussão e que seguirá seu curso. Traz à memória inumeráveis fatos do mesmo gênero, que a História menciona, e que se multiplicam em nossos dias. Se é uma verdade, não está encarnada num homem, e nada poderia abafá-la; a própria violência dos ataques prova que temem que seja uma verdade.

Nesta circunstância, os que testemunham menos surpresa e menos se emocionam são os espíritas, porque essas espécies de fatos nada têm de que eles não se dêem conta perfeitamente. Conhecendo a causa, não se admiram dos efeitos.

Quanto aos que não conhecem a causa do fenômeno, nem a lei que o rege, naturalmente se perguntam se é uma ilusão ou uma realidade; se o Sr. Jacob é um charlatão; se realmente cura todas as doenças; se é dotado de um poder sobrenatural e de quem o tem; se voltamos ao tempo dos milagres. Vendo a multidão que o envolve e o segue, como outrora a que seguia a Jesus na Galiléia, alguns se perguntam mesmo se não seria o Cristo reencarnado, enquanto outros pretendem que sua faculdade seja um presente do diabo.

Desde muito tempo todas estas questões estão resolvidas para os espíritas, que têm a sua solução nos princípios da doutrina. Não obstante, como daí podem sair vários ensinamentos importantes, nós os examinaremos num próximo artigo, no qual faremos ressaltar igualmente a inconseqüência de certas críticas.

Dissertações Espíritas

CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA

I

(Paris, 12 de março de 1867 – Grupo Desliens – Médium: Sr. Desliens)

Como já vos foi dito muitas vezes nas diferentes instruções, a mediunidade curadora, juntamente com a faculdade de vidência, é chamada a desempenhar um grande papel no período atual da revelação. São os dois agentes que cooperam com a maior força na regeneração da Humanidade e na fusão de todas as crenças numa crença única, tolerante, progressiva, universal.

Recentemente, quando me comuniquei numa reunião da Sociedade, onde me haviam evocado, disse e o repito: todo o mundo possui mais ou menos a faculdade curadora, e se cada um quisesse consagrar-se seriamente ao estudo dessa faculdade, muitos médiuns que se ignoram poderiam prestar úteis serviços aos seus irmãos em humanidade. Então o tempo não me permitiu desenvolver todo o meu pensamento a esse respeito; aproveitarei o vosso apelo para fazê-lo hoje.

Em geral os que buscam a faculdade curadora têm como único desejo obter o restabelecimento da *saúde material*, restituir a liberdade de ação a tal *órgão*, impedido nas suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabeí-o bem, é o menor dos serviços que esta faculdade é chamada a prestar, e só a conheceis em suas primícias e de maneira completamente rudimentar, se lhe conferis este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais nobre e mais extensa!... Se pode restituir aos corpos o vigor da saúde, também deve dar às almas toda a pureza de que são susceptíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.

Muitas vezes vos disseram, e vossos instrutores nunca vo-lo repetiriam em demasia, que o aparente efeito material, o sofrimento, quase sempre tem uma causa mórbida imaterial, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador ataca o corpo, não ataca senão o efeito; permanecendo a causa primeira do mal, o efeito pode reproduzir-se, quer sob a forma primordial, quer sob outra aparência qualquer. Muitas vezes aí está uma das razões pelas quais tal doença, subitamente curada pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benfazeja se afaste, porque não resta nada, absolutamente nada para combater a causa mórbida.

Para evitar essas recidivas, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o

destrói em seus efeitos; numa palavra, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o corpo e a alma.

Para ser bom médium curador, não só é preciso que o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores, mas, ainda, que o Espírito possua uma força moral, que só pode adquirir por seu próprio melhoramento. Para ser médium curador é preciso, pois, preparar-se não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo pelos meios físicos, e de influenciar a alma pela força moral.

Uma última reflexão. Aconselham-vos que busqueis de preferência os pobres, que não têm outros recursos além da caridade do hospital. Não é esta absolutamente a minha opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não dos que gozam de boa saúde. Lembrai-vos de que na questão de saúde moral, há doentes por toda parte, e que o dever do médico é ir a toda parte onde o seu socorro é necessário.

Abade príncipe de Hohenlohe

II

(Sociedade de Paris, 15 de março de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Numa comunicação recente, eu falava da mediunidade curadora, de um ponto de vista mais largo do que o que foi considerado até agora, e a fazia consistir antes no tratamento moral que no tratamento físico dos doentes, ou, pelo menos, reunia esses dois tratamentos num só. Pedirei me permitais dizer algumas palavras a esse respeito.

O sofrimento, a doença, a própria morte, nas condições sob as quais as conheceis, não são mais especialmente a partilha dos mundos habitados pelos Espíritos inferiores, ou pouco adiantados? O desenvolvimento moral não tem por objetivo principal conduzir a Humanidade à felicidade, fazendo-a adquirir conhecimentos mais

completos, desembaraçando-a das imperfeições de toda natureza, que retardam sua marcha ascensional para o infinito? Ora, melhorando o Espírito dos doentes, não se os põe em melhores condições para suportarem seus sofrimentos físicos? Atacando os vícios, as más inclinações, que são a fonte de quase todas as desorganizações físicas, não se põem essas desorganizações na impossibilidade de se reproduzirem? Destruindo a causa, necessariamente se impede o efeito de se manifestar novamente.

A mediunidade curadora pode, pois, comportar duas formas; e essa faculdade não estará em seu apogeu, nos que a possuem, senão quando reunirem em si essas duas maneiras de ser. Ela pode compreender unicamente o alívio material dos doentes e, então, se dirige aos encarnados; pode compreender a melhora moral dos indivíduos e, neste caso, se dirige tanto aos Espíritos quanto aos homens; enfim, ela pode compreender o melhoramento moral e o alívio material: neste caso, tanto a causa quanto o efeito poderão ser combatidos vitoriosamente. Efetivamente, em que consiste o tratamento dos Espíritos obsessores, senão numa espécie de influência semelhante à mediunidade curadora, exercida conjuntamente por médiuns e Espíritos sobre uma personalidade desencarnada?

Assim, a mediunidade curadora abrange ao mesmo tempo a saúde moral e a saúde física, o mundo dos encarnados e o dos Espíritos.

Abade príncipe de Hohenlohe

III

(Paris, 24 de março de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Venho continuar a instrução que dei a um médium da Sociedade. Por que duvidáveis que eu tivesse vindo ao vosso apelo? Não sabeis que um Espírito bom se sente sempre feliz por ajudar os seus irmãos da Terra na via do melhoramento e do progresso?

Hoje conheceis o que eu disse do considerável papel reservado à mediunidade curadora; sabeis que, conforme o estado de vossa alma e as aptidões do vosso organismo, podeis, se Deus vo-lo permitir, tanto curar as dores físicas quanto os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais se sois capaz de fazer uma ou outra, porque conheceis as vossas imperfeições; mas Deus não exige a perfeição, a pureza absoluta aos homens da Terra. A esse título, ninguém entre vós seria digno de ser médium curador. Deus pede que vos melhoreis, que façais esforços constantes para vos purificardes, e vos leva em conta a vossa boa vontade.

Já que desejais seriamente aliviar os vossos irmãos que sofrem física e moralmente, tende confiança, esperai que o Senhor vos conceda esse favor. Mas, repito-o, não sejais exclusivos na escolha dos vossos doentes; todos, quaisquer que sejam, ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, todos têm direito ao vosso socorro. Será que o Senhor priva os maus do calor benfazejo do Sol, que aquece, reanima e vivifica? Será que a luz é recusada a quem quer que não se prosterne diante da bondade do Todo-Poderoso? Curai, pois, quem quer que sofra e aproveitai o bem que trouxestes ao corpo para purificar a alma ainda mais sofredora e ensinai-lhe a orar. Não vos aborreçais pelas recusas que encontrardes; fazei sempre vossa obra de caridade e de amor e não duvideis que o bem, embora retardado por uns, jamais ficará perdido. Melhorai-vos pela prece, pelo amor do Senhor, de vossos irmãos, e não duvideis que o Onipotente não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer vossa faculdade mediúnica. Sede felizes quando, após a cura, vossa mão apertar a do vosso irmão reconhecido; e que ambos, prosternados aos pés de vosso Pai celestial, possais orar juntos para o agradecer e o adorar. Mais feliz ainda quando, acolhido pela ingratidão, depois de ter curado o corpo, mas impotente para curar a alma endurecida, elevardes o vosso pensamento para o Criador, pois vossa prece será a primeira centelha destinada a acender mais tarde o facho que brilhará aos olhos do vosso irmão curado de sua cegueira, e direis a vós mesmos

que quanto mais um doente sofre, tanto mais atenção lhe deve dar o médico.

Coragem, irmão; esperai e aguardai que os Espíritos bons, que vos dirigem, vos inspirem quando começardes a aplicação de vossa nova faculdade mediúnica, junto aos vossos irmãos que sofrem. Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo, e jamais deixeis fugir a menor ocasião de esclarecer os vossos irmãos. Deus vela sobre cada um de vós, e aquele que hoje é o mais incrédulo, amanhã poderá ser o mais fervoroso e o mais crente.

Abade príncipe de Hohenlohe

OS ADEUSES

(Sociedade de Paris, 16 de agosto de 1867)

– **Médium: Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo**

Nota – Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresenta um caráter particular, que foge da forma habitual. Vários Espíritos dos que são assíduos às sessões e aí se manifestam algumas vezes, vieram sucessivamente dirigir algumas palavras aos membros da Sociedade antes de sua separação, por meio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir e dar testemunho de simpatia, no momento da partida. A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de atitude, de expressão, de fisionomia e, pela linguagem, se reconhecia o Espírito que falava, antes que fosse nomeado. Era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não o seu pensamento, traduzido mais ou menos fielmente ao passar por um intermediário; assim, a identidade era patente e, salvo a semelhança física, tinha-se diante de si o Espírito como em sua vida. Depois de cada alocação o médium ficava absorto durante alguns minutos; era o tempo de substituição de um Espírito por outro; depois, voltando a si pouco